

A vida simulada no capitalismo: formação e trabalho na arquitetura,
de Rosemary Roggero

São Paulo: Letra e Voz, 2010. 232 p.

Gislaine Medeiros Baciano

Mestrado em Educação pela Universidade Nove de Julho – Uninove.

São Paulo – SP, Brasil

gisbaciano@yahoo.com.br

Rosemary Roggero é uma pesquisadora que tem se dedicado a investigar as relações entre formação e trabalho no âmbito da cultura. Graduada em Letras pela Universidade de Mogi das Cruzes, é especialista em Gestão de Pessoas pela Fundação Armando Álvares Penteado e possui Mestrado e Doutorado em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Atualmente compõe o quadro permanente de docentes do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Nove de Julho.

O título deste livro é bastante elucidativo e provocador, constituindo uma crítica às condições simuladas de vida na sociedade capitalista. É instigante e nos convida a refletir sobre a condição humana, problematizando os espaços disponíveis para a subjetividade e as possibilidades de efetivação das nossas escolhas enquanto sujeitos. Fruto da pesquisa de doutoramento da professora Roggero, este livro discute a formação e o campo de atuação dos arquitetos, fazendo uma contextualização social e política do ensino e da profissão de arquiteto na conjuntura brasileira. Questiona se é possível compreender a subjetividade como um estado particular do sujeito enquanto expressão de sua própria especificidade. Com uma linguagem muito suave, o livro vai desenhando as relações entre o “sujeito arquiteto”, sua formação, o cenário em que está inserido e sua subjetividade.

A autora busca verificar as relações existentes entre a formação e o campo de atuação dos arquitetos de duas gerações distintas: 1960 e 1990. Para tanto utiliza a história de vida, como metodologia de pesquisa, pois entende que:

As relações sociais correspondem ao motor que movimenta a evolução individual, num processo permanente de construção

e reconstrução. Nesse sentido, a biografia não pode ser tomada como mero suceder. A memória permite percebê-la como algo crescido e articulado, pleno de história e significações. (ROGGERO, 2010, p. 14).

Propondo uma análise do processo de qualificação para além do caráter utilitário, a autora discute as tensões entre vida e trabalho, arte e ciência, reino da liberdade e reino da necessidade. Considera que a alienação é um fenômeno antigo, mas apesar de toda hegemonia da cultura afirmativa, é possível estabelecer algum tipo de resistência por meio da consciência crítica. A autora faz uma análise que supera o âmbito da arquitetura, demonstra como as transformações das atividades produtivas e as novas tecnologias, bem como as novas demandas de qualificação do mercado de trabalho, afetam diversos ramos profissionais e propõem novos desafios. Também defende que, em uma sociedade como a nossa, em que o trabalho ocupa centralidade na cultura, as relações de trabalho afetam de modo significativo as trajetórias biográficas e, especialmente, a subjetividade humana.

Com uma proposta de reflexão sobre a formação e o trabalho na sociedade contemporânea, na medida em que a discussão vai se desenvolvendo vai clarificando os meandros percorridos pela cultura da sociedade burguesa, que fazem com que essa se torne cada vez mais afirmativa e condicionante sobre a constituição da subjetividade humana. O livro se divide em três partes: “Cenários”, “Fragmentos” e “Sentidos”, as quais constituem três ângulos distintos para olharmos a vida simulada numa perspectiva caleidoscópica.

Inicialmente, a autora traça os cenários em que se constituíram a formação e a profissão dos arquitetos no Brasil. Traz desde uma discussão conceitual sobre o termo “Arquitetura” até as imbricações entre a modernização e sofisticação das técnicas produtivas e as qualificações profissionais exigidas dos arquitetos. Em seguida, é proposta a reflexão sobre o papel do narrador e o significado da narrativa. São trazidas as narrativas das histórias de vida de seis arquitetos pertencentes a duas gerações distintas: os formados na década de 1960 e os formados na década de 1990 a respeito da sua formação e atuação. Os arquitetos foram convidados a narrarem suas histórias em suas próprias perspectivas, pois

a autora tinha por objetivo verificar como os cenários de uma sociedade capitalista influenciam a constituição da subjetividade humana, buscando também, perceber quais permanências e rupturas ocorreram entre os dois períodos. A última parte é constituída pela análise das narrativas dos arquitetos e das questões culturais da qualificação profissional. As análises são elaboradas com base na Teoria Crítica da Sociedade, com foco nos imperativos que o capitalismo impõe ao indivíduo.

O diferencial desta obra é o modo como relaciona o contexto político e econômico, a formação vigente, a qualificação profissional requerida e as perspectivas profissionais e pessoais dos arquitetos nos dois períodos abordados. Desse modo, vai desconstruindo a trama existente entre as demandas de reprodução do capital e a subjetividade (ainda que negada) dos arquitetos enquanto sujeitos (ainda que aprisionados). São também explicitadas as possibilidades e impossibilidades de existência do sujeito nesta sociedade.

Sua leitura será prazerosa a todos que buscam refletir sobre a condição humana na sociedade contemporânea, sobre a desmistificação da relação entre a vida e o trabalho, a arte e a ciência. Àqueles que buscam uma perspectiva crítica sobre a formação e atuação do arquiteto no Brasil e, ainda, àqueles que têm interesse em conhecer o potencial da história oral de vida enquanto metodologia de pesquisa científica. O título do livro é emblemático quanto à grande contribuição que traz. Ao mesmo tempo em que se tem clareza de que o livro discute a formação e o trabalho do arquiteto, percebe-se que a proposta é ir além e esmiuçar o quanto a subjetividade humana é forjada nessa tensão entre perceber as contradições sociais, sobreviver e buscar “ser sujeito”, numa realidade que tende a negá-lo. Portanto, o livro é de grande mérito filosófico, literário e científico.

Nesta obra, as histórias de vida dos arquitetos permitem discutir muito mais que as relações entre vida e trabalho, arte e ciência. É um entendimento que possibilita discutir as relações e tensões entre o reino da necessidade e o reino da liberdade, entre a falsa promessa de realização humana feita pela cultura e sua simulação por meio da indústria do lazer e do entretenimento. É discutir o lugar do ser humano no mundo, é discutir a condição humana em um mundo tecnologicamente desenvolvido e psicossocialmente contraditório. Parece que o grande propósito

aglutinador desse livro é o esforço de refletir sobre a possibilidade e os meios de exercermos, de alguma forma, nossa subjetividade. Enquanto seres humanos que podemos pensar a realidade e que, embora sejamos impedidos de sermos sujeitos, podemos estabelecer alguma resistência à cultura homogeneizante e degradante que torna todos – independente das diferenças econômicas, políticas, sociais, culturais e étnicas – apêndices do capital.